



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13287 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT06 - Educação Popular

DIÁLOGOS A PARTIR DE PAULO FREIRE: SOBRE EDUCAÇÃO,
(DE)COLONIALIDADES, ARTES E ESTÉTICAS

Franciele Clara Peloso - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

João Colares da Mota Neto - UEPA - Universidade do Estado do Pará

**DIÁLOGOS A PARTIR DE PAULO FREIRE: SOBRE EDUCAÇÃO,
(DE)COLONIALIDADES, ARTES E ESTÉTICAS**

Resumo: Este escrito resulta de uma investigação a nível de pós-doutorado que objetivou compreender como as artes visuais e as estéticas delas decorrentes contribuem para processos de colonização e/ou decolonização. O que compartilhamos aqui é um recorte do estudo, no qual destacamos o conceito de *colonialidade do ver* a partir dos desenhos feitos por Francisco Brennand e utilizados por Paulo Freire no Programa Nacional de Alfabetização, no Brasil. Trata-se de um ensaio teórico que explora alguns conceitos e categorias presentes nos estudos decoloniais e freirianos como suporte para pensar as artes visuais e as estéticas delas decorrentes. Afirmamos a necessidade de compreender a arte e os processos criativos de imagens e de diferentes linguagens como caminhos dialógicos e de re-existência, como possibilidade de enfrentamento e como superação aos ditames coloniais.

Palavras-chave: Arte e estéticas, Decolonialidade, Paulo Freire, Processos Educativos

1. Para iniciar o diálogo...

Este escrito resulta de uma investigação a nível de pós-doutorado que objetivou compreender como as artes visuais e as estéticas delas decorrentes contribuem para processos de colonização e/ou decolonização. O que compartilhamos aqui é um recorte do estudo, no

qual destacamos o conceito de *colonialidade do ver* a partir dos desenhos feitos por Francisco Brennand e utilizados por Paulo Freire no Programa Nacional de Alfabetização, no Brasil. Trata-se de um ensaio teórico que explora alguns conceitos e categorias presentes nos estudos decoloniais e freirianos, sensibilidade teórica que nos move, que nos ajuda a olhar e que sustenta o diálogo a que nos propomos.

De acordo com Mignolo (2008), a decolonialidade é uma opção teórica que compreende que a sociedade, como a experienciamos, foi moldada e segue se moldando a partir de um padrão hegemônico heteronômico desde o período nominado como colonial.

Na América compreende-se como período colonial a tomada do território pelos europeus e o processo de dominação exercido sobre os povos originários, a partir do século XVI, bem como dos demais povos escravizados. O conjunto dessas ações chamou-se colonialismo; em decorrência se deu a implantação de um sistema mundo hierarquizado. As sociedades que invadiram e conquistaram territórios espalharam e legitimaram violentamente suas formas de ler, interpretar, sentir, dizer, cheirar, olhar, ouvir, produzir o mundo como única cultura válida. O que conhecemos por colonialismo como processo formal e político, foi finalizado na maioria dos países que passaram por essa experiência. No entanto, a dinâmica da vida segue organizada numa cultura colonial e a isso que damos o nome de colonialidade. Porto-Gonçalves (2006) afirma que a opção decolonial busca superar esse entendimento homogêneo e contribuir para o debate epistêmico, a partir de categorias que objetivam descolonizar o poder, o saber e o ser e, nós acrescentamos ao debate, o ver.

Para Quijano (2002), a *colonialidade do poder* se caracteriza pela distribuição desigual dos direitos de ser, pensar e existir baseada, sobretudo, no critério da raça. Barriandos (2019) acrescenta que a colonialidade do poder se fortalece, também, a partir da inferiorização racial e epistêmica decorrentes das maquinarias visuais que acompanharam o processo de invasão, conquista e dominação, o que caracteriza a *colonialidade do ver*.

Lander (2000) nos alerta que a colonialidade do poder cria mecanismos de controle e uma estrutura de domínio em relação à produção do conhecimento ao validar saberes de origem branca e europeia que passam a ser disseminados pelas instituições, dentre elas a Universidade, como conhecimento científico. Tal prática silencia sujeitos e saberes constituintes de epistemes outras. Tal ação caracteriza a *colonialidade do saber*.

Maldonado-Torres (2008) corrobora este entendimento ao afirmar que a colonialidade classificou as pessoas a partir de graus de humanidade tendo como argumento a raça, isso atribui à *colonialidade do poder* uma dimensão ontológica. Tal dimensão pode ser entendida como a experiência vivida no mundo a partir da naturalização da violência simbólica e física que se manifesta na dinâmica social e caracteriza a *colonialidade do ser*.

Frente ao exposto questionamos: O que as imagens utilizadas por Paulo Freire, no Programa Nacional de Alfabetização, no Brasil, comunicavam em termos de suas características estéticas? Como foram pensadas? Por quem essas imagens foram

materializadas? Como as artes visuais podem contribuir no processo de colonização e/ou decolonização nos processos educativos?

Para tanto, objetivamos destacar o conceito de *colonialidade do ver* e, a partir dele, refletir sobre as estéticas contidas nos desenhos utilizados por Paulo Freire no Programa Nacional de Alfabetização, no Brasil.

Mignolo (2008) acredita que um dos objetivos do pensar decolonial é descolonizar o pensamento historiográfico e a história narrada. Segundo ele, essa tarefa é preponderante para que seja possível avançar em políticas, teorias, epistemes que rompam com pensamentos totalizantes (im)postos pela modernidade. É nesse sentido que intencionamos contribuir pensando essa tarefa, também, pelo viés das artes visuais e das estéticas.

2. Para avançar no diálogo...

Paulo Freire (2013, p. 43) anuncia em seu livro “Educação como prática da liberdade” o desejo de colaborar com a sociedade brasileira quando desenvolve uma proposta educativa que tem por objetivo o processo de descolonização. O livro citado foi escrito em 1967 e nele Freire faz o relato detalhado dos fundamentos de seu método de alfabetização, associando-o com as forças em disputa no território brasileiro. Nos apêndices do livro estão os desenhos chamados de situações existenciais e as palavras geradoras utilizadas para compor o currículo do Programa Nacional de Alfabetização, dos Círculos de Cultura do estado do Rio e da Guanabara. No entanto, os desenhos apensados às edições do livro não são os originais. Os originais foram feitos pelo artista Francisco Brennand e tomados pelas forças armadas no golpe militar de 1964, no Brasil, como material perigoso e subversivo (FREIRE, 2000).

Freire (2000) relata que:

Foi Francisco Brennand, o genial artista brasileiro, excelente pintor e não menor ceramista, que as produziu a meu pedido. A bem da verdade, a pedido de Ariano Suassuna [...]. Ariano me disse num de nossos muitos encontros, então habituais: “Você precisa conversar com Brennand. Já estou vendo a beleza do trabalho dele pintando as diferentes situações de que você necessita para desafiar os alfabetizandos na discussão sobre cultura”. Organizou dias depois uma reunião em sua casa e nos pôs um diante do outro. Foi assim que nasceram os hoje perdidos “desenhos de Brennand”, como chamávamos aqueles quadros na época, e em que se deu, de maneira exemplar, a unidade entre arte e educação (FREIRE, 2000, p. 97).

Ana Maria Araújo Freire (2017) descreve a dimensão do impacto do material à época:

O material do Método de Alfabetização foi apreendido nas dependências do SEC dentro do campus universitário pelo Exército Nacional e grande parte dele foi apresentado nas TVs do país como “prova da subversão comunista que inunda o país”, diziam os que estava a favor do golpe civil-

militar e contra o povo [...]. Os guaches do artista pernambucano Francisco Brennand – este um homem acima de qualquer suspeita –, que representava as situações gnosiológicas, preparadas para as discussões no círculo de cultura, sobre natureza e cultura no momento de apreensão do conceito antropológico de cultura pelos alfabetizandos/as – foram apreendidos por denúncia, quando os soldados e o coronel do Exército já partiam do campus da Universidade do Recife (FREIRE, 2017, p. 99-100).

Abaixo, na Figura 1, o diafilme do Programa Nacional de Alfabetização com as imagens mencionadas. Esse diafilme foi encontrado após ficar 30 anos guardado em uma geladeira (FÁVERO, 2012).

Figura 1: Dialfilme do Programa Nacional de Alfabetização



Fonte: <http://vifalahomenageiapaulofreire.blogspot.com/p/dilalogos-com-brennand.html>

Os estudos de Fávero (2012) e de Neves e Berino (2021) explicitam a preocupação estético-pedagógica desses desenhos. Destacam o esforço político-criativo ao buscar retratar a relação humana com a natureza e a cultura. Acrescentamos que essas imagens aparecem como um convite a ler, pensar, sentir e (re)dizer o mundo. Trabalham no âmbito do olhar para problematizar a realidade e transformar a forma de se entender e se relacionar. Um convite a superação da *colonialidade do ver* que nos acomete, bem como a *colonialidade do poder, do saber e do ser* ao colocar em pauta o contexto a ser (re)conhecido como fundante da vida, a partir de uma estética assentada na ética, na coerência entre discurso e realidade, que se tornam imagens nas fichas de leitura, como uma das formas do exercício *subjetividade-objetividade* (FREIRE, 2005).

Brandão (2005) enfatiza que esses desenhos refletem a compreensão ampla de leitura de mundo proposta por Paulo Freire. Azevedo (2010) diz que o encontro entre Paulo Freire e

Francisco Brennand marca a história de arte/educadores, no contexto mais amplo da educação nacional. Ele diz que a partir da compreensão do processo educativo como o gesto de ler o mundo, construído pela curiosidade, sustentado nas relações dialógicas entre diferentes sujeitos culturais e no posicionamento crítico de desfazer certezas para instaurar processos educativos propõem o gesto inventivo de apreender e (re)construir sabedorias. Nesse interim é importante sinalizar que na revisão de literatura que empreendemos, não encontramos nenhum trabalho que aproximasse os desenhos utilizados por Freire das discussões decoloniais, sobretudo, da *colonialidade do ver*.

Frente ao exposto, compreendemos as imagens utilizadas podem ser concebidas como artefatos de estéticas decoloniais. Elas foram pensadas na coletividade e no processo da experiência pedagógica de Freire, materializadas em linguagem artística por Brennand e propõe superar a separação mente de corpo, corpo de natureza e arte de outros campos da vida e dos processos de aprendizagem. Percebe-se que nos desenhos estão presentes características da arte popular. Traços simples, marcados, frontais e sem escala de profundidade. Motivos como flores, frutas, rendas que remetem à produção artística e identificação do povo. As cores utilizadas, marcas da obra de Brennand, remetem à terra nos levando a pensar que essa é uma metáfora para pensar o território e as gentes, na experiência visual do que compõe a vida e as cores do povo brasileiro. Isso nos fala da sensibilidade do artista para transpor os objetivos do projeto de Freire em imagens, decolonizando a arte, a estética e o olhar.

Os estudos de Schlenker (2019) evidenciam a potência da arte para tomar consciência sensível e sensorial da vida em toda a sua dimensão e juntar as partes que foram desmembradas pela coerção da colonialidade. Ele destaca que na história colonial o olhar foi treinado para marcar pessoas e classificá-las ao longo de uma escala social e que esse olhar se configura como dispositivo histórico que intervém e condiciona, num primeiro momento a percepção e, na sequência, a consciência.

3. Para abrir diálogo outro: notas finais

Encerramos esse escrito dando as mãos a Adolfo Albán Achinte (2017) e afirmamos que o processo de invasão das Américas foi, também, um evento estético, que operou através de imagens construídas e coloridas, tanto gráficas quanto linguísticas. Essas imagens operam no nosso entendimento sobre as formas de representação de ser, estar e dizer o mundo.

Do que depreendemos de nossa investigação, podemos destacar que as artes visuais podem contribuir no processo de decolonização quando entendidas como ato do criador de denúncias sobre os processos de violência e da afirmação de estereótipos. Da mesma forma podem contribuir no processo de colonização quando retroalimentam imagens gráficas ou de linguagem que ferem a existência das e dos que estão fora do padrão determinado que racionaliza suas subjetividades.

Por fim, afirmamos que é importante (re)conhecer quais estruturas simbólicas estão enredadas nos movimentos artísticos, nas estéticas decorrentes e nos processos educativos. Vizualizamos na arte um caminho de diálogo e re-existência, como possibilidade de aprendizagem de um mundo mais bonito, onde seja possível *ser*.

Referências

ALBÁN ACHINTE, Adolfo. Prácticas creativas de re-existência: más allá del arte... el mundo de lo sensible. Buenos Aires: Del Signo, 2017.

AZEVEDO, Fernando Antônio Gonçalves de. Histórias vivas de lutas: o encontro entre Paulo Freire, Noemia Varela, Ana Mae Barbosa e Francisco Brennand. *In: ZACARRA, M.; PEDROSA, S.(Org.). Artes visuais e suas conexões: panorama de pesquisa.* Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010, p. 73-84.

BARRIENDOS, Joaquín. A colonialidade do ver: rumo a um novo diálogo visual interepistêmico. *Revista Epistemologias do Sul*, v. 3, n.1, p. 38-56, 2019.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues **Paulo Freire, educar para transformar: fotobiografia.** São Paulo: Mercado Cultural, 2005.

FÁVERO, Osmar. As fichas de cultura do sistema de alfabetização Paulo Freire: um “Ovo de Colombo”. *Linhas Críticas*, v. 18, n.37, 2012, p. 465-483.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 40. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Sonhos Possíveis.** São Paulo: UNESP, 2001.

FREIRE, Ana Maria. **Paulo Freire: uma história de vida.** Indaiatuba: Villa das Letras, 2017.

LANDER, Edgardo (org.). **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales.** Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: CLACSO, 2000.

MALDONALDO-TORRES, Nelson. A topologia do Ser e a geopolítica do conhecimento. Modernidade, império e colonialidade. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 80, mar, 2008.

MIGNOLO, Walter D. **Novas reflexões sobre a ideia de América Latina: a direita, a esquerda e a opção descolonial.** *Cad. CRH*, v. 21, n. 53, p. 237-250, Salvador: ago. 2008.

NEVES Luciana Dilascio; BERINO, Aristóteles. As fichas de cultura no método de alfabetização de Paulo Freire: imagem, política e estética. **Ideação.** *Revista do Centro de Educação, Letras e Saúde.* V.23. n.2, 2021, p. 88-108.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter De Saberes e de Territórios: diversidade e emancipação a partir da experiência latino-americana. *In: Revista GEOgrafia.* Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFF, ano VIII, N. 16, 2006, p. 41-55.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade, poder, globalização e democracia.** *Novos Rumos,* Marília, Ano 17, n.37, p. 4-28, 2002.

SCHLENKER, Alex. Alex Schlenker: descolonizar a arte para retomá-la como expressão da vida. Entrevista concedida a: RUGERI, M. R.; LINDARTE, M.; ORTIZ, M. C.; FREITEZ, O. **Revista Epistemologias do Sul**, v. 3, n.1, p. 22-35, 2019.